

Trebaruna. Deusa da casa e da família na mitologia lusitana. Deusa da guerra e da morte. A esta deusa terá orado Viriato, símbolo maior da resistência lusa. Nesta deusa nos inspiramos. Apostamos no melhor da literatura nacional, nos autores por descobrir. Aqueles autores que ficam. Não nos interessa o mercado do *mainstream*, regido pelos *best-sellers*, os livros de rápida rotação e os escaparates comprados a metro. O trabalho com o autor move-nos. E só atendemos às necessidades do leitor exigente. Não seguimos o engenho ruminante que alimenta a indústria do livro. Prestamos culto ao livro. Trebaruna é o regresso ao essencial.

Michel Alex

LE CABARET ROCK

Volume I

Abattoir Lullaby



Trebaruna

Setembro de 2025

LE CABARET ROCK

Volume I

Abattoir Lullaby

FICHA TÉCNICA

Título: Le Cabaret Rock

Subtítulo: Abattoir Lullaby

Autor: Michel Alex

Coordenação editorial: Arlete Gomes

Edição e revisão: Arlete Gomes

Artista de capa: Custom Circus — Von Syco (aka Rui Teixeira)

Composição: João Rodrigo Carvalho

Posfácio/Curadoria: Júlio Pêgo

Assessor de conteúdos no foco Geração Z: Ian Gutkin Prast

ISBN: 978-989-9306-13-4

©2025 Grupo Editorial Divergência

©2025 Michel Alex

©2025 Custom Circus — Von Syco

©2025 João Rodrigo Carvalho

Todos os direitos reservados de acordo com a legislação em vigor.

Grupo Editorial Divergência

Centro de Negócios de Ansião, Gabinete 8

Parque Empresarial do Camporês

3240-465 Chão de Couce, Portugal

Website: <https://divergencia.pt/>

E-mail: geral@divergencia.pt

Telefone: 928 155 850

Este livro foi paralelamente baseado na dramaturgia original do espectáculo *Le Cabaret Rock* da companhia Custom Circus.

O autor seguiu o Acordo Ortográfico de 1945.

O Grupo Editorial Divergência e Edições Trebaruna são marcas da DNL Convergência, Lda.

Este livro foi criado por humanos, para humanos. Nele, não foi utilizada inteligência artificial generativa, e proibimos que o seu conteúdo e arte sejam utilizados para o treino e desenvolvimento de modelos e tecnologias de inteligência artificial.



PRÓLOGO

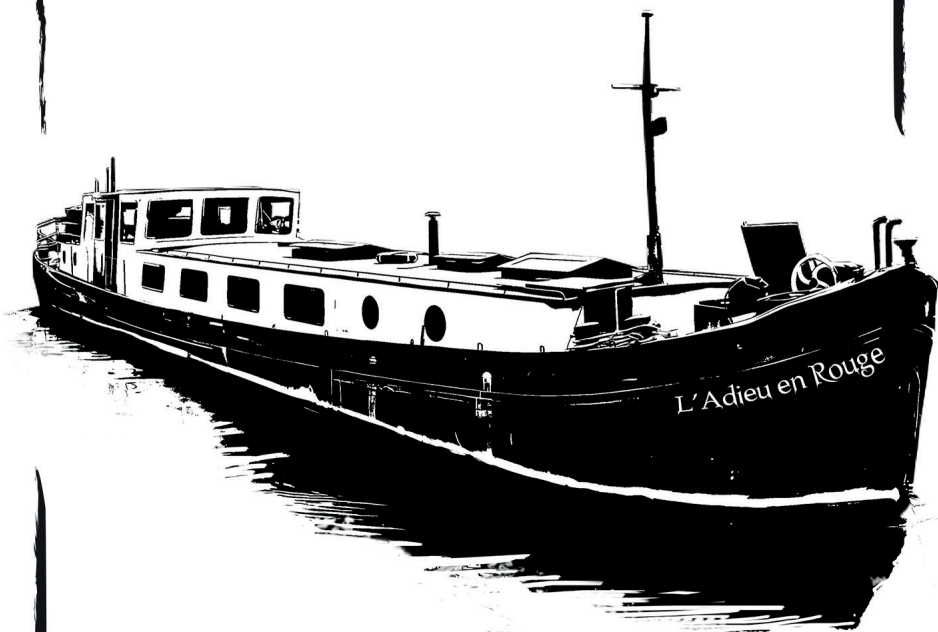
Uma biografia fantasmagórica seria o termo que eu utilizaria para descrever este livro. Talvez porque depois de acumular tantas experiências, tenha conseguido finalmente realizar uma radiografia psicológica do meu *alter ego* Michel Gigolo, esse ser amaldiçoado que me tem aprisionado na sua teia de acordes menores.

Como trabalho de ficção baseado numa realidade a 50%, foi um processo desafiante, o de transformar tantas memórias numa série literária, onde determinadas pessoas que me foram próximas surgem retratadas através das suas *personas* artísticas (e algumas até com os seus finais trágicos reais).

Prosegui esse intento igualmente, apesar da presença de muitas matérias controversas, para que em parte essas loucas aventuras que foram eclodindo no nosso caminho possam ser recordadas. E porque também sinto que o mundo como o conhecemos hoje em dia, tem mudado tão rapidamente, que o inacreditável modo de vida que tínhamos nos ambientes de vanguarda dos anos 80 já não voltará mais.

Assim, por detrás da máscara da fantasia que filtra os restantes 50% da narrativa, encontrei maior liberdade para exumar acontecimentos que até à data apenas podia sussurrar num círculo restrito de pessoas.

1^a PARTE



ABATTOIR LULLABY

Paris, em plenos anos oitenta, puros, ou seja, em meados do Ano da Graça de 1984. E, sim, certamente muita coisa aconteceu nesse ciclo anual a nível internacional, mas nada disso nos diz respeito, pois este não é um livro de História, que, como bem o sabemos, é uma matéria com a particularidade de ter sido forjada pelos vencedores. Enfim, esse discutível assunto também não é algo que nos interesse neste momento.

Certo dia, no Quai des Bouquinistes numa das margens do rio Sena, ali palmilhava eu em busca de velhas raridades editoriais do foro esotérico ou algo do género perturbador, quando a minha atenção foi subitamente desviada para a decrepita silhueta de uma embarcação pertencente à tipologia das *peniches*. Fortemente amarrada com uma dezena de velhos pneus pendurados no casco, pressionados contra as bóias do cais, essa assombrosa barça negra, ali se apresentava em todo o seu esplendor, há muito perdido.

Mas afinal, bem feitas as contas, eram na realidade duas *peniches* com cerca de 40m de comprimento cada, atreladas uma na outra. A primeira sendo uma automotora com uma configuração aparentemente *open space*, e a segunda, servindo provavelmente de exótica residencial flutuante.

No flanco enferrujado da proa automotora, destacava-se, não sem orgulho, o seu sugestivo nome de baptismo fluvial, em letras com uma fonte do nostálgico *farwest*: “L’Adieu En

Rouge”; pintadas num abominável tom escarlate, a escamar de alto a baixo, onde nem o rebordo do contorno dourado escapava, pela sua falta de respeito às mais basilares regras da perspectiva gráfica.

L’Adieu En Rouge... espectacular nome, pensei eu, mesmo no momento em que dois energúmenos duvidosos baixavam a rampa do passadiço, precisamente à minha frente. Até que o chão abalou com essa forte investida às suas lajes de pedra seculares, com aquele descuidado embate de ferro e madeira maciça, sacudida pelos seus travamentos de correntes à moda dos fantasmas medievais.

Ali fiquei por alguns segundos, imóvel, curioso, numa perfeita perpendicular com aquela boca de entrada. Pelo menos, até ao momento em que um deles poisou, mesmo diante de mim, um pesado cartaz colorido junto ao corrimão da passarela. Obviamente, um cartaz pertencente à mesma escola artística do nome de proa; e provavelmente criado pela mesma sórdida mão.

Como ficar indiferente a coisas horríveis, quando na verdade possuem uma sólida personalidade? Aquilo a que se poderia chamar o magnetismo da fealdade, a um nível que alcança uma estranha beleza *per si*. Neste caso, foi exactamente aquilo que me sucedeu mentalmente; pois fiquei literalmente paralisado por este pensamento:

— *Caramba! Que raio de coisa é esta? É bem horrível..., mas e agora? Não sei se adoro isto, ou se odeio? Que fazer, que dizer? Ainda por cima tenho estas duas aves raras a olharem fixamente para mim... Não têm cara de muitos amigos, diga-se de passagem. Que estupidez a minha. Faz ou diz qualquer coisa, homem! Porra, não me sai nada. E mesmo assim, não consigo mexer-me, sair daqui, nem deixar de ler esta porcaria; esta maravilhosa aberração que me está a conquistar, apesar de todos os meus esforços...*

Efectivamente, ignorando que o destino me lançava um desafio que iria doravante moldar a minha existência, ali fiquei enamorado por aquele poster elaborado com um design grotesco, tão misterioso como romântico.

LADIES & GENTLEMEN
21.00h — TONIGHT — 23.00h
THE BIZARRE DARK CABARET
FEATURING THE AMAZING TROUPE
L'ADIEU EN ROUGE
TOURISTS ARE WELCOME
DOLLARS TOO
FOODS & DRINKS À LA CARTE
SHOW TICKET: 20FR.

Um estranho odor exalava do inquietante cartaz. Uma espécie de mistura nauseabunda, composta por botas velhas e polaroids, porventura... o que não me preocupou minimamente. Porque, afinal, eu estava triste. E, na realidade, apenas tentava agarrar o meu foco de atenção a qualquer coisa que me ajudasse a esquecer essa tristeza. Um desgosto de amor? Algum infortúnio familiar? Um terrível problema de saúde? Uma mobilização forçada do exército? Não, nenhuma dessas opções, felizmente.

A nuvem negra que pairava sobre mim era de outra estirpe, igualmente cruel, mas oriunda do fatídico reino das artes. A minha banda tinha acabado, e a nossa formação como grupo inteiramente dedicado às sonoridades Post Punk-Goth Rock, tinha sido expulsa de um fantástico *spot* residente de concertos *underground*, devido a excessos comprovados de várias índoles, a não relembrar neste parágrafo.

Como tal — e porque eu sabia perfeitamente que aquele saudoso sítio era, realmente, o único local onde a nossa musicalidade poderia ser apreciada por algumas almas tão negras como as nossas —, eu estava drasticamente desamparado. Afinal, ambos os membros da banda já tinham chegado a esta óbvia conclusão: Sem concertos e sem público, para quê continuar?

Esta era a minha missão. Palmilhar Paris de ponta a ponta, em busca de um milagre ou, simplesmente, de uma desculpa credível para desistir, deveras. Como artista convicto que

eu era, desistir era bem mais difícil do que acreditar num milagre, confesso. Pensei rápido e, cerrando os punhos com uma boa dose de pulsação sanguínea a bombear esperança e coragem, decidi subir para esse barco, a fim de oferecer os nobres serviços musicais do meu projecto em exílio político. Sem hesitar, abordei diplomaticamente os dois antipáticos representantes da tripulação:

— Poderia falar com o patrão ou patroa, por favor?

Poucos minutos depois, descia ao generoso porão da embarcação. As minhas botas bicudas rangiam, e alguns pequenos ratos fugiam. Para não bater com a cabeça nas vigas podres dos estreitos patamares, levava as palmas das mãos à altura da testa, ficando imediatamente com um cheiro ácido de óleo queimado nas pontas dos dedos.

Degrau a degrau, nessa instável velharia flutuante, repleta de caruncho de grosso calibre e uns quantos gemidos de sexo violento oriundos dos minúsculos camarins, lá cheguei por fim ao sopé de uma porta trancada. Para além da tradicional estrela cravada com quatro tachas de latão, não lhe faltavam adjectivos: “Director, Agente, Produtor, Actor, Dramaturgo”; de seu nome artístico Ztyreo.

O embrutecido marinheiro que me tinha guiado, apenas me pediu para esperar ali, despedindo-se com uma continência indolente que me deixou confuso pelo seu prolongado sorriso, verdadeiramente amarelo, de tão cravejado de dentes de ouro com tamanhos impróprios para a constituição da sua boca. Fiz o que ele pediu, e esperei tranquilamente. Até que num rangido, tremendamente nocivo para os nervos, a porta escura oscilou lentamente nas suas duas dobradiças de ferro, do tempo em que os ferreiros ainda as faziam a golpes de martelo sobre as bigornas.

Já todos ouvimos falar sobre os caprichos da natureza, nomeadamente acerca dos seus defeitos ou simplesmente dos seus excessos. Ora, num espécime humano, não é incomum, a título de exemplo, encontrar a particularidade da polidactia (vulgar-

mente conhecida por um surgimento, logo à nascença, de dedos extras), tão apregoada no passado como uma bênção dos deuses. Embora, na prática, possa ser excelente numa carreira de pianista ou dactilógrafa/o, já agora, essa vantagem digital pode apimentar pequenos momentos do quotidiano, com episódios um tanto ou quanto constrangedores como tentar comprar um par de luvas numa boutique *en vogue* para incrementar o conforto invernal, ou, até, o mágico minuto em que damos inadvertidamente essa mesma mão “abençoada” ao nosso primeiro amor.

Realmente, exemplos fora do comum não faltam e desde a insólita multiplicação até à pura inexistência de membros, o rol de surpresas genéticas pode ser extenso. Assim eu acreditava, até esse dia em que me deparei, frente a frente, com o ser humano mais impressionante que alguma vez havia visto. Forjado como um super-herói ou uma semideusa Valquiriana? Negativo. Acreditem que este fantástico indivíduo carecia de todos os clássicos atributos associados à excelência física. Todavia, com apenas um metro e cinquenta de altura, ele era manifestamente superior a qualquer um de nós, pelo extraordinário facto de “ele” ser na realidade duas pessoas. Efectivamente, a fim de destacar na perfeição a prodigiosa condição bicéfala desta parelha, dava pelo nome artístico genérico Ztyreo.

Foi assim que, mal acabei de os ver, cumprimentei imediatamente o Mr. Right com uma mão e o Mr. Left com a outra. Foi-me literalmente impossível esquecer esse momento surreal. Coloquem-se no meu lugar, em frente a um tronco trajado com um fraque negro de altíssimas golas cor de marfim, de onde brotavam as duas cabeças controladoras desse único corpo. Pelo menos, controladoras do seu pescoço para cima; e daí para baixo deixo-vos imaginar.

Em menos de nada, reparei que se dirigiam a mim como um indivíduo só, o que soava estranho, principalmente quando falavam entre eles com horríveis esgares oculares, devido à enorme dificuldade que tinham em ver-se mutuamente. Para mais,

o Mr. Right possuía uma poderosa voz de tenor, enquanto o Mr. Left tinha uma agudíssima voz de *castrati* esganiçado.

A sensação de estar ali perante tal criatura infernal, deu-me um desconforto notável, mas o desejo de perpetuar a minha arte foi mais forte. Entre a penumbra do estreito corredor e o rasgo de luz avermelhada que se eclipsava do seu camarim, rompi o gelo, oferecendo-lhes os serviços da minha banda. Feito isso, passaram do muito sério, ao espanto, até que desataram ambos a rir de forma verdadeiramente assustadora.

Todos os meus sentidos e instintos, nesse momento específico, ordenavam-me que fugisse dali, e bem rápido. Embora, um deles, o do dever do criador artístico, me tenha pregado naquele chão podre, esperando uma resposta. Qualquer resposta, que não fossem as abomináveis rajadas de risos maquiavélicos que saíam daquelas duas bocas, distorcidas por um quase acesso de loucura ou algo do género.

No final da divertida reacção que, evidentemente, lhes provoqueei, um deles deixou escapar um fio de baba que acabou por ficar preso numa das asquerosas golas do fraque. Fingindo ignorar esse pequeno pormenor, escutei, por fim, o veredicto proferido pelo Mr.Right:

— Como te chamas, rapaz?

— Never.

— Belo nome e bastante adequado na nossa linha de trabalho. E, já que és músico, por acaso sabes tocar guitarra eléctrica?

— Não sou um solista, mas na guitarra ritmo safo-me relativamente bem.

— Excelente. Aqui é só isso que é necessário, pois já temos um solista único no seu género.

— Eh, eh, eh... — ri o Mr. Left, de forma retorcida, enquanto o seu “irmão” prossegue a conversa:

— Porém, devido à falta de espaço disponível neste momento, nós não vos podemos contratar a todos. Se bem que, no teu caso especial, até podias ficar connosco.

— A sério? — reagi eu, com um enorme complexo de Judas a escalar na minha consciência.

- Se quiseres experimentar uma curta estadia aqui, claro.
- Por mim, seria fantástico — acrescentei.
- Então achas que ficarias feliz se te juntasses a nós? Nem que fosse só à experiência?
- Eu!? Assim de repente, penso que sim — respondi, cada vez mais convicto de que estava a trair a minha banda. Embora algo continuasse a atrair-me simultaneamente a essa insólita troupe, repleta de simbólicos avisos vermelhos que eu fingia não ver. Enquanto eu pensava filosoficamente nessa problemática, o Mr. Left começou a azucrinar-me os ouvidos:
- Pois, rapaz, fica sabendo que não existe nada mais efémero do que a felicidade.
- Eu sei.
- Esta é uma forma estranha de nós te darmos as boas vindas, mas queremos avisar-te, logo à partida, de que não estamos aqui para dar esperanças a ninguém!
- Entendo perfeitamente.
- Principalmente, porque não possuímos esse talento. E tais coisas, como a esperança, não foram feitas para pessoas como nós, assim como para os novos passageiros deste barco.
- Estou a ver e, até agora, por mim, faz sentido.
- Em questões de dinheiro quais são ao certo as tuas expectativas? Pois essa é uma questão que dependerá do teu repertório e da forma como o público o admira.
- Certamente. Percebo que eu vou ter de adaptar-me ao vosso espectáculo, e consoante aquilo que vocês escolherem da minha bagagem artística.
- Perfeito, caro Never. Financeiramente a nossa pequena troupe come toda do mesmo prato, da percentagem da bilheteira, evidentemente.
- Como seria de esperar. Já agora, como é a vossa carga laboral, em questão de horários?
- Nós actuamos duas vezes por dia, todas as quartas, quintas e sextas-feiras, sábados e domingos. A segunda-feira e a manhã de terça são de folga. As tardes de terça-feira são dedicadas à manutenção dos barcos e das coisas do espectáculo em geral.

— OK.

— Quintas, sextas e sábados, entramos em cena às 21.00h e depois novamente às 23.00h. Nos outros dias, fazemos duas matinés, a primeira às 17.00h e a segunda às 19.00h. E, só para te inteirares, costumamos mudar de cais a cada fim de semana, para nos encaixarmos noutras rotas de turistas.

— Bem visto. São realmente horários extremamente convencionais neste *metier*. E relativamente às horas de chegada prévia dos artistas, normalmente?

— Bom, a troupe reúne-se sempre 5 horas antes da primeira actuação, para alguns ensaios ou acertos que possam ser necessários; seguidos de um período de descanso e confraternização após o obrigatório *linecheck* técnico.

— Vejo que vocês têm uma certa disciplina em termos de cronograma e organigrama. E agradeço de antemão esta vossa abertura em relação a mim.

— Apenas porque gostamos de receber artistas convidados de tempos a tempos, para que não se estagne o núcleo duro da companhia.

— Interessante.

— Como somos, na verdade, há já muitos anos uma pequena família, fomos percebendo que nos era favorável — bem como ao nosso público — sacudir pontualmente os *acts* e a própria dinâmica cénica do nosso espectáculo. Logo, nada melhor do que a inclusão de certos convidados, para nos obrigar a levar isso a cabo.

— Gosto da vossa visão nesse aspecto.

— Então, bem-vindo a bordo!

Acabou por dizer o Mr. Right. Pelo meu lado, ainda que não totalmente convencido daquilo que eu estava a fazer, limitei-me a soltar um anémico “Obrigado”, enquanto apertava ambas as mãos do meu novo patrão Ztyreo, num curioso *handshake* de cavalheiros.

— Calma, rapaz. Não nos agradeças já! Mas olha que estás com sorte, pois no próximo sábado poderás começar a ver como isto tudo funciona.

— Gosto dessa ideia.

— Então, aparece cá pelas 20.30h. Começarás primeiro por ver um espectáculo, por conta da casa, obviamente. E depois, logo iremos improvisando a tua integração aos poucos.

— Combinado. Da minha parte, confirmo desde já a minha presença nessa semana.

— Ótimo. Entretanto leva isto contigo — alterca o Mr. Left, dando-me distraidamente um envelope que “ambos” tinham ido buscar rapidamente ao interior da habitação. Com uma expressão curiosa, iniciei automaticamente alguns gestos de apalpação do pequeno pacote. Já de costas para mim, num nervoso volte face de regresso ao camarim, o Mr. Left ainda acrescentou:

— Não te preocupes, Never, que não se trata de uma bomba. Ah, ah, ah. É outro tipo de explosivo! Ih, ih, ih.

Praticamente ao mesmo tempo, escuto a outra voz, mais grave, desse pequeno ser, dizendo:

— E após o espectáculo, irás conhecer a Lucretia, caro amigo. Cuidado com ela!

— Cuidado? Como assim?...

Tentei indagar, mesmo antes de “eles” me fecharem a porta na cara. Fiquei sem resposta, salvo uma nova e preocupante rajada de risos atroztes, parcialmente abafados, do outro lado daquela pálida estrela, bem em destaque ao nível dos meus olhos, agora perdidos na escuridão e, novamente, noutra dúvida existencial.

Os dias pareciam não querer passar. Até que lá se dignaram fazer-me a vontade. Com um pesado coração de traidor, ali me apresentei no dia estipulado, mas demasiado cedo, visivelmente, pois não havia ninguém no convés.

Como não tive a ousadia de atravessar o passadiço de aceso, decidi dar um pequeno passeio para comprar um livro de

bolso a um dos livreiros do cais; apenas para apaziguar a minha ansiedade. Em menos de quinze minutos, eu já tinha sido conquistado pela capa de uma modesta publicação, um dos suburbanos enredos de Frank Gruber, os meus policiais preferidos nessa época.

Constatei que me tinha precipitado nas asas do meu entusiasmo, ao ter chegado cerca de três horas antes da hora combinada. Não fosse o frio cortante, nem seria um problema. Durante o Verão, era nessas redondezas que eu e alguns amigos costumávamos dar uns mergulhos, para impressionar as turistas mais sensíveis a essas acrobacias com fins de ritual de acasalamento; embora, nesse sector, eu tivesse assumidamente mais sucesso nos palcos *underground* da noite parisiense, do que nas actividades atléticas ao ar livre.

A noite ia ganhando o predomínio, e um vento cortante, vindo de uma frente norte gélida, forçou-me a procurar abrigo junto ao casco da embarcação *L'Adieu En Rouge*, que na sua silhueta curvilínea oferecia um excelente corta-vento na zona da popa. Ali me sentei, sobre um dos largos rolos dos cabos de amarração, mergulhando na leitura do meu novo livro, graças à ténue iluminação de um dos gigantescos candeeiros.

Esperei calmamente, atento a cada eventual aparição de um membro da troupe. Contudo, a minha dificuldade crescente em ler as diminutas letras do texto levava-me a desistir. Esforçando-me a resistir a essa tirania da escuridão que pairava sobre mim, combati teimosamente, com os meus olhos, as vastas sombras dos castanheiros que se juntavam à minha inimiga.

Cansado por essa luta desigual, inclinei-me junto à lateral do casco, encostando-me um pouco encolhido. Sabia bem que não ia poder passar pelas brasas, devido ao suave balancear da velha embarcação. Não obstante, era uma sensação agradável, quase reconfortante, como se estivesse abraçado a uma baleia de madeira. O cheiro não era nada aprazível, em absoluto, pois o revestimento áspero exalava uma mistura de piche e tintas de esmalte, certamente carregadas de chumbo tóxico, como era elementar na manutenção naval.

Aguardei, minuto após minuto. Curiosamente, os meus ouvidos foram-se habituando à raridade do silêncio, que dava por vezes lugar a certas frequências acústicas que se soltavam dos hábitos de vivência daquela estranha comunidade artística.

Espirais de sons chegavam-me aos ouvidos, mesmo que abafados pelas paredes pútridas da embarcação. Gritos e risos de alienados ou simplesmente um ensaio de uma passagem de Tchekov?... Nítidos assobios de um chicote... De quando em quando, uma garrafa quebrada... Insultos... Acordes vindos de uma guitarra eléctrica com distorção... Passagens eruditas de famosas dramaturgias... Um poderoso orgasmo feminino aparentemente bendito por Deus... Seguido de um mutismo geral, anormalmente prolongado, direi até, respeitado... Algum tempo depois, a sonoplastia de um cortante *PLUF!* O som característico de um pesado volume indistinto, largado borda fora. No final, alguns *La-La-Ra-La-Las* melódiosos que se foram transformando numa triste canção de embalar... Tantas coisas mais que não pude reconhecer... E, sim, aguardei.

Às 20.30h em ponto, pelo menos de acordo com o meu Casio de pulso com dígitos cor de sangue, duas glamorosas raparigas trajadas com figurinos burlescos, de marcados sinais de uso abusivo, saíram para o cais, arengando as delícias do espectáculo; atraindo, sobretudo, pequenos grupos de turistas, devidamente equipados com as suas habituais parafernalias fotográficas. Reparei que muitos deles já possuíam os seus bilhetes previamente comprados, pois, quando os dois marujos que eu já conhecia começaram, um pouco mais tarde, a controlar a entrada, escassos eram os que necessitavam de pagar essa primeira sessão da noite. Uns após os outros, os futuros espectadores lá iam engrossando uma heterogénea fila que se estendia ao longo do cais malcheiroso.

Notei, não sem surpresa, que para além dos cintos de ligas e corpetes decotados ao extremo, daquelas duas sensuais anfitriãs, a troupe tinha outros trunfos na manga. Através de um par de escotilhas, sopravam ventoinhas, projectando para o exterior

irresistíveis vapores de crepes, hamburgers e cacau quente acabados de fazer. Um jogo baixo para quem tem fome e frio. Como fiquei a saber posteriormente, esse lado estratégico de restauração a bordo significava uma das partes mais lucrativas do negócio.

Chegada a hora da minha iniciação, na pele de um espectador com benefícios, instalei-me num dos desconfortáveis bancos corridos, que compunham aquela estreita e lúgubre plateia com cerca de oitenta lugares; também eles distribuídos em mesas corridas. Dir-se-ia mais uma sombria cripta de algum culto clandestino, do que um teatro improvisado num velho barco, que, por sua vez num recôndito passado, tinha sido concebido com o solo propósito de dragar areias do leito fluvial. Seja como for, essa troupe de aves raras lá o conseguiu.

Depressa fui-me apercebendo da mecânica envolvente. Mesmo antes da abertura do pano de boca em veludo carmesim, já tinha feito uma leitura geral das respectivas responsabilidades de todos aqueles que havia conhecido naquela tarde. Embora faltassem ainda os artistas, por assim dizer. Já que o Ztyreo desempenhava sublimemente o seu papel de Monsieur Loyal, arrepiando a totalidade da plateia, recheada de turistas incautos, graças a uma intro fenomenal.

Os dois marujos com pinta de bandidos, tinham-se angelicamente transformado em técnicos: um deles na diminuta régie, operando o som e a iluminação; e o outro, no palco como contra-regra e maquinista.

Num misto de Dark Vaudeville, repleto de variedades do submundo do Cabaret, o espectáculo decorreu aos meus olhos com alguma normalidade, pois esse era precisamente o universo onde eu já vivia há alguns anos.

Ali realçavam-se os quatro músicos. O guitarrista ritmo, assustadoramente obeso, trajado de Aladino, esfarrapando a sua palheta com acordes frenéticos, com os seus bracinhos curtos a recordar um T-Rex, de tão volumosa a sua barriga. Não longe, o guitarra solo, de cara chupada e uma deslumbrante crista

Mohawk de cor azulada a encimar a sua cadavérica *persona*. Com uma virtuosidade impressionante, esse músico magricela tricotava solos surpreendentes, entre os barbáricos *breaks* de bateria que um gigante baterista de gengivas ressequidas, imprimia nos timbalões com as suas enormes baquetas de plástico em forma de fémures. Esses dois grandes ossos, conferiam um toque primitivo que me deixou fã desse baterista, que porventura era tecnicamente o pior que eu já havia visto alguma vez em palco.

Mas na arte, tal como no amor, o *feeling* é tudo. Para terminar, na secção musical ainda havia um pianista meio oculto na sombra, esguio e alto, que preferia visivelmente tocar em pé, em vez de sentado no caixote de garrafas de rum que lhe servia de assento ocasional.

O leque capilar da enorme crista Mohawk vibrava, filtrando o seu azul índigo através dos projectores, e o figurino do solista, composto apenas por uma velha camisa de noite em renda feminina, revelava a sua transparência na contraluz do palco — evidenciando ainda mais a magreza excessiva desse fantástico músico, provavelmente heroinómano a julgar pelo visível formigueiro do interior do seu braço.

Intimamente, senti-me orgulhoso e simultaneamente ansioso por poder vir a fazer parte de um *line up* desta natureza, absolutamente decadente e maravilhoso, segundo os meus cânones estéticos, vincadamente dedicados à contracultura e à respectiva repulsa do *mainstream* comercial e estereotipado.

A música fluía tão incessante como preocupante e, aos poucos, foram desfilar as outras personagens. Bem activo desde o início da produção, entra em cena um casal de insólitos performers anões, versáteis sobretudo nos números de pantomima com laivos de Commedia Dell'arte, a roçar o terror popular — ainda por cima, razoáveis acordeonistas e vocalistas, com autênticas vozes de crianças inocentes e letras de proxenetas. De quando em quando, esses anões cruzavam o palco montados num majestoso tigre, bem real e vivo. Cativante, pensei eu.

Depois, entrava em palco, de rompante, uma espécie de Fakir, quase como um *side act*, exímio no manejo de ferramentas cortantes e todo o tipo de utensílios a não deixar ao alcance de qualquer um. Apresentado sob o nome Exclusive Bonaparte, este performer era também o cozinheiro de serviço, responsável pela confecção dos hamburgers, crepes e cachorros quentes que saciavam a fome dos espectadores, empoleirados como galinhas, uns ao lado dos outros.

Na minha perspectiva, sentia que o mais espectacular dessa personagem era a sua capacidade de alternar, cronometricamente, entre a cozinha situada por detrás do bar, ao fundo da plateia, e as suas incursões em palco para engolir facas ou espetar uma parafernália de artefactos no corpo. Admirável, constatei com sinceridade.

Descobri também “A Coisinha”, outra personagem surreal, transexual, com um corpo andrógono repleto de músculos elevados ao quadrado, tatuagens a cada centímetro de pele; e uma face perfurada por tantos piercings, encavalitados uns por cima dos outros, que lembravam as pesadas medalhas dos oficiais veteranos de um Estado Maior do Exército. O seu talento? Apenas ser aquilo que era, uma curiosa aberração perfeitamente feliz com ela própria. O que eu achei de louvar.

Nada me surpreendeu relevantemente no *show*, nem os maquiavélicos duetos que o Ztyreo interpretou com ele próprio, através do mesmo microfone durante os separadores das cenas principais. Nem mesmo, os incríveis e perturbantes números do Happy Man, um impressionante trapezista sem braços, que incredivelmente utilizava as suas mandíbulas de aço para executar os seus vaivéns em voos rasantes e sem rede.

Apreciei satisfeito, essa forma de estar na vida com a qual também pactuava. Até ao momento em que ela entrou em cena. Foi aí, nesse mesmo momento, que os meus sentidos fervilharam no caldo da surpresa. Admito-o com toda a minha pessoa. Fiquei paralisado de espanto. Eu e toda a plateia.

Banhada numa suave luz vermelha, cálida e esfaqueada por fortes sombras desenhadas pelas lâminas dos projectores de re-

corte, a Viúva Negra — e estrela central do espectáculo — surgiu, deslizando por um cabo suspenso numa das varas da teia, imobilizando-se num varão cromado de pole dance. O seu incrível corpo, trajado por um *maillot* de pérolas negras e escarlates, rodava por meio de um destorcedor instalado num mosquetão, contorcendo-se contra todas as leis da gravidade; principalmente, porque a sua cabeça parecia querer esmagar-se contra o chão do palco, a cada manobra acrobática. Mas na fracção de segundo, em que teoricamente esse acidente poderia acontecer, reduzindo-lhe o QI em 90%, a sua silhueta escapava agilmente de novo para o topo do cabo.

Inacreditável. Seria uma ilusão de óptica induzida pelo jogo de luzes e sombras? Ou, esmiuçando outras possibilidades, talvez duas pessoas ao mesmo tempo, manobrando as suas pernas e braços com uma disciplina coreográfica admirável? Equacionava eu, esforçando-me para compreender esse complexo e arriscado número aéreo. Fiquei sem resposta, porque após um repentino *black out* marcado pela depressão musical de um rock ácido, essa personagem, girando sobre si própria, envolveu-se numa lenta mumificação realizada com um rolo de celofane escarlate, formando um fantasmagórico casulo no final.

Que interpretação abismal, sentia eu em todas as veias do meu corpo, sentindo o *kick* da emoção de cena, ao mesmo tempo que os meus ouvidos eram bombardeados por ovações quentes e assobios perfurantes, oriundos de um público ao rubro.

Apaixonei-me por esse momento, principalmente quando as duas bailarinas burlescas, que eu já havia visto no cais, Juliette e Romea — que, entretanto, invadiram a cena — desataram a cuspir fogo de modo a incendiar o celofane, gradualmente com as suas tochas. Enquanto a misteriosa personagem voltava a desenrolar-se, rodopiando em lentas chamas que pingavam em jorros no chão do palco preparado para o efeito.

Todos os espectadores aplaudiam freneticamente; e eu já sabia, complementarmente, pelos gritos esganiçados que provinham da cozinha, que todo o stock de comestíveis acabara de esgotar.

Que noite sensacional, e que *soirée* inesquecível, sobretudo quando após esse grande final, toda a troupe se juntou na ribalta para a vénia de agradecimento. De pé, aplaudindo efusivamente, entalado por representantes de todos os continentes, a fazer exactamente o mesmo, foi ali que eu a vi pela primeira vez como a pessoa excepcional que era.

Foi também ali que eu percebi, Lucretia, a Viúva Negra, uma mulher com dois corpos soldados fisiologicamente de costas com costas. Quatro pernas e quatro braços, dois corações, quatro seios, pulmões, e tudo o mais que vos deixo a opção de antever... Mas apenas uma cabeça e um cérebro. Lucretia, impressionantemente bela e terrivelmente aracnídea.

— *Que espectáculo absolutamente diabólico! Um todo em um, com a polémica do Freakshow e o romantismo obsoleto do Vaudeville. Em suma, a decadência, a loucura e a força revolucionária do Cabaret Rock, tal como tem vindo a ser forjado pelos ícones “exilados” do Post Punk. Adorei!*

Continuava a congeminar, ainda mergulhado na reverberante cacofonia dos aplausos. Distraidamente, reparei que a música interpretada nesse momento de vénia e despedida, era precisamente a mesma que eu tinha escutado no cais, anteriormente pelo fim de tarde, numa versão bem mais triste. Agora sim, conseguia compreender melhor a sua letra:

*“Sounds so dark,
You make me feel so cold,
Your shadow, my ghost,
I’m singing and crying and shouting,
L’abattoir Lullaby, L’abattoir Lullaby...”*

Como seria de esperar, juntei-me à troupe com armas e bagagens. Porque a arte desta gente era também a minha arte, as minhas coordenadas teatrais, musicais e por aí fora. Estávamos tão em sintonia que eu me entusiasmava sempre, ao pensar que iria ter a oportunidade de trabalhar com eles. Ou seja, um sonho, onde poderia continuar a desnudar verdadeiramente a minha alma em palco, num cego *striptease* em cena, até descascar o meu coração, o que simplesmente traduz a mordaz característica da própria estética do Cabaret — esse universo cénico profundamente lavrado pelas rugas da vida, das suas mágicas aventuras e sarcásticas desventuras.

Sim, claro que também existia sinceridade nos circuitos mais comerciais da indústria do *entertainment*. Mas nos meandros nebulosos das subculturas teatrais isso já não se revelava assim tão fácil. Porque o público que alimenta a perseverança destas troupes alternativas é quase vampírico, ávido de sangue, suor e lágrimas. Porém, desde que sejam genuínas! Creiam, que estou a referir-me a uma classe de espectadores aptos a não perdoar de forma alguma a imitação. Nem os clichés; e muito menos o recurso aos atalhos emocionais, resultando numa audiência poderosa, tão feroz como fiel. Por isso, eles têm o direito de exigir até o sacrifício mental dos actores. Se tal for absolutamente necessário.

Na semana seguinte, o barco mudou de cenário e de margem. O vento gélido daquele Janeiro foi uma bênção, pois não arrastava a habitual neve cinzenta e pastosa que costumava brindar os parisienses nessa época.

Por vezes, eu batia inadvertidamente com uma das minhas mãos num dos bolsos do meu rústico blusão perfecto, a fim de garantir a preciosa presença do conteúdo daquele envelope, agora em minha posse. Basicamente, uma cassete BASF de 60 minutos com a banda sonora do espectáculo; uma *set list* da encenação, e as partituras simplificadas em *tabs* dos temas com os acordes rítmicos que eu deveria saber dominar. Missão essa que eu já tinha feito questão de cumprir.

Todavia, existia uma outra questão que eu ainda hesitava em colocar: se o meu destino era substituir o actual guitarrista obeso; e, se fosse, teria ele já conhecimento desse facto? Pois, declaradamente, esse lado da moeda deixava-me na dúvida.

Embora o Ztyreo já me tivesse dado as chaves de uma minúscula alcova, na qualidade de meu camarim e habitação, para acomodar-me, a verdade é que até à data eu ainda não sabia exactamente como e quando iria participar no *show*.

Totalmente alheios a essa minha importante questão, diariamente os membros da trupe, inclusive o Fat Boy, deambulavam nos dois convés e porões, ou no próprio cais e jardins, tal como se eu não existisse. Facto que para mim não deixava de ser angustiante. Tanto mais que o Ztyreo me tinha já confidenciado, em segredo, que o obeso guitarrista estava com alguns problemas de saúde, o que o poderia forçar a ausentar-se a qualquer momento.

Face a essa antecipação, e sem eu nunca ter pretendido agoirar o Fat Boy, entre outras pequenas coisas de menor importância que iam desfilando, aqui e ali, perante a minha personalidade observadora, preferi preparar-me para o eventual dia. Mantive-me focado no repertório em causa, acompanhando vezes sem conta a preciosa cassette.

Ora, numa certa noite algo especial, decorreu o meu primeiro jantar no seio íntimo desta família absolutamente disfuncional. Finalmente, tive o prazer de conhecer, frente a frente, todos os seus membros, escutá-los, analisá-los nos seus gestos, palavras e atitudes; compreendendo que, no fundo, eram basicamente todos náufragos da sociedade convencional. Um pouco como eu, digo-o de passagem. Esta maior intimidade aproximou-me dos membros da trupe e permitiu-me conhecê-los melhor.

Fat Boy — o meu vigente concorrente ao título de guitarra ritmo.

Mohawk Billy — um peculiar indivíduo com seis dedos em cada mão, eis a surpresa que me explicou o seu virtuosismo de solista.

Shorty — era o baterista gigante, com pelo menos 2,15m de estatura, saltos não incluídos. Coitado, padecia de uma degeneração da coluna que lhe tinha soldado as vértebras, limitando parcialmente a sua mobilidade.

Papa Forest — compunha o peculiar nome deste pianista, cujas longas rastas tapavam a maior parte do tempo o seu rosto, demarcado por um par de óculos de lentes redondas com reflexos púrpura.

O casal de anões Mini Punch & Mini Judy — que me deixaram seriamente na dúvida se, para além de performers geniais e transdisciplinares, não seriam também dois autênticos psicopatas.

Roger Flon-Flon e o seu irmão Calígula Express — os dois carrancudos marinheiros, ambos supostos veteranos da Legião Estrangeira, que pelos vistos os dispensou por demasiado bom comportamento. Mas, na minha opinião, sentia que ambos tinham algum tipo de atraso mental. Demasiado boxe? Ou muitas quedas de cabeça ao longo da infância?

O Happy Man — esse pobre indivíduo de temperamento sensível, teve o infortúnio de ter nascido sem os dois braços; conseguindo, em detrimento dessa fatal limitação, realizar proezas com o auxílio de uma espécie de grande canivete, do tipo suíço, que manuseava agilmente na sua boca. Boca essa que lhe permitia escrever, bem como executar as fantásticas acrobacias que lhe garantiam a sua sobrevivência artística e financeira.

A Coisinha — um caso realmente intrincado que a levou, ou o levou, a certas intervenções cirúrgicas aparentemente sem sucesso, pois permaneceu hermafrodita, tal como havia surgido ao mundo. Mais tarde, por paixão culturista, revestiu-se de um volume impressionante de músculos. De físico intimidador e semblante dócil, ninguém sabia ao certo que sexo habitava no interior do seu cérebro.

Juliette — uma atraente mulher com tudo no sítio, embora totalmente surda, também desde a sua nascença. Todavia, uma diva do burlesco.

Romea — a talentosa *partenaire* da Juliette. Esta mulher poderia ter sido também uma *top model*. Porém, uma mudez hereditária não ajuda ninguém a conquistar as passerelles do agitado e concorrencial mundo da moda.

Exclusive Bonaparte — esse milagre da orientação em termos humanos, era surpreendente, devido ao facto de ser totalmente cego. Também ele foi alvo de uma genética degenerativa. Apesar de invisual, graças à sua inacreditável capacidade de audição e memória espacial, movia-se airosamente nos labirínticos recantos das duas embarcações.

Para terminar,

Rumba — o amestrado tigre pertencente ao casal de anões. Essa criatura de 350 quilos não era para brincadeiras. Um aviso que me foi logo passado friamente, desde a primeira vez que fui obrigado a cruzar-me com ela num dos compartimentos da embarcação.

À minha maneira, também me sentia um desajustado, somente no meu espectro psicológico, evidentemente. O que me levou a identificar-me com eles, sem qualquer aresta de atrito. Portanto, durante quase um mês, acabei por viver no seio dessa troupe, ajudando aqui e ali, mas permanecendo sempre à espera da oportunidade de poder subir ao palco.

À semelhança do poluído caudal do Sena, os dias fluíam, pastosos e cinzentos, sem grandes brilhos do lado das estrelas. Enfim, eu aproveitava ao máximo para exercitar a paciência, assim como as regiões dos antebraços, cervicais e lombares nos vários trabalhos de manutenção das recauchutadas *peniches*; porque, para além das tarefas de *reset* aos adereços e da técnica, esses monumentos flutuantes eram agora também a minha casa.

Durante os *shows*, eu ficava de serviço aos crepes, partilhando a azáfama da minúscula cozinha, sempre prestes a ser alvo de um incêndio, pois toda a *crew* fumava compulsivamente, no meio das frigideiras com óleo a ferver sobre os bicos de gás ao rubro. O único extintor à vista, plenamente forrado a gordura, datava dos tempos da Joana d'Arc — ou Dark, segundo preferirem, pois como se sabe, ela não teve a sorte de ter este género de equipamento de salvação ao seu alcance.

Até que num belo dia, rondando os sete graus negativos com uma maldita neve glacial grudada pelo *fog*, fui aparentemente bafejado por um golpe de sorte. Por questões de saúde, o Fat Boy tinha sido forçado a ausentar-se durante alguns dias. Explicaram-me o Ztyreo, encasacado de tal maneira, com a voz tão filtrada por um espesso cachecol, que nem cheguei a perceber ao certo, com qual das cabeças eu estava a falar.

— Yeah! Rock'n'roll! Vai ser o meu baptismo de fogo neste manicómio em decomposição!

Articulei eu, transbordando de satisfação, mal o macabro vulto da dupla Mr. Right & Mr. Left se afastou do meu campo de visão. Estávamos em plena quinta-feira, o que significava que na noite seguinte iria ser por fim a minha tão esperada estreia. Não sei ao certo porquê, mas um estúpido sorriso teimou em acompanhar-me ao longo de todo esse dia. Chegada a noite, quando me olhei ao espelho para aparar a barba, tinha uma expressão patética por ter sorrido tanto.

Após repassar novamente os acordes da *set list*, com a minha guitarra em *mute*, lá acabei por decidir ir deitar-me, apesar dos ruídos das irrequietas baratas luzidias, entalado na inexplicável pequenez da minha alcova, e forçado a dobrar-me como um croissant para lograr adormecer.

Lembro-me de ter sonhado coisas mirabolantes que, entretanto, esqueci definitivamente. Mas recordo, vividamente, que mesmo antes de sucumbir num sono leve, voltei a escutar aquela estranha colecção de sons que tanto me tinham chamado a atenção no meu primeiro dia a bordo do L'Adieu En Rouge.

A questão é que, devido ao esmagador cansaço e à má qualidade do sono, não tinha total certeza de estar efectivamente desperto. Mas o mesmo episódio repetiu-se.

Sem dúvida, os mesmos gritos e risos; as chicotadas; as garrafas quebradas; os insultos; as frases de guitarra com distorção; as célebres passagens teatrais; novamente o estertor agudo de um orgasmo arrancado a ferros, seguido do aterrador silêncio. Pouco depois, um abafado *PLUF!* Algures na água.

Por fim, o melodioso refrão da mesma música de embalar do final do espectáculo... Mas desta vez, senti esse já familiar *PLUF!* nitidamente junto ao casco da *peniche*, não longe do flanco onde eu habitava.

Provavelmente, era a forma como os dois marujos e o cego artista cozinheiro Exclusive Bonaparte, se viam livres do lixo a bordo. Nessa época, a sensibilização para a reciclagem e a biosustentabilidade ainda não faziam furor entre as gentes do espectáculo. Lamentavelmente.

O tempo voou... ou seria preferível afirmar que ele navegou naquele tão famoso leito fluvial, tão abraçado por pontes solenes, permitindo que dois meses decorressem, e que muita coisa acontecesse.

Deparei-me com o amargo sentimento de que, das cerca de oitenta vezes que subi ao palco, vivi o sonho até ao desgaste. Assim, fui devorando a magia até ao enjoo e, sucessivamente, rumo à incómoda insensibilidade causada pelos perniciosos reventos do desinteresse.

Depois desses primordiais sinais de erosão emergentes da rotina, desatou a espreitar a famigerada queda, hasteando os seus traiçoeiros sinais. Entre eles, a perda do entusiasman-te apetite, cujo tambor cadencia o nosso desejo. Algures, no

limite dessa linha, a indiferença nutrida pela dissipação. Por fim, até aos rumores a bordo que apontavam para a minha eventual substituição.

O motivo dessa estranha decisão? Eu ignorava-o plenamente. Teria sido porque eu tinha a mania de defender, repetidamente, o Happy Man das brutalidades vindas dos dois marinheiros e do casal de anões? Esses insuportáveis sujeitos que tratavam esse pobre homem, sem braços, como se ele fosse um escravo limitado. Ainda por cima, a sua companheira romântica — essa “Coisinha” musculada ao extremo — era, paradoxalmente, absolutamente contra a violência física.

Do meu lado, não podia permitir esse estúpido *bullying*, vindo desses imbecis. Sei que, assim, fui alimentando um certo ódio, mas fazer inimigos por boas causas foi algo que nunca me preocupou.

De certa maneira, também não via como esses pequenos atritos quotidianos, tão presentes em troupes desta natureza *underground*, poderiam afectar a minha posição enquanto artista. Logo, preferi colocar de parte essa hipótese, não lhe dando demasiada importância.

Noutra diferente perspectiva, seriam então ciúmes do Ztyreo? Ou de alguém mais, que eu não estivesse a equacionar? Porque, entretanto, fui percebendo que as donzelas da troupe estavam todas comprometidas com os seus cavalheiros eleitos, embora nem sempre a condizer.

Apesar de ser um apaixonado casal lésbico, a Romea e a Juliette também faziam horas extra nos dias de folga, principalmente em *joint venture* com os dois matulões das t-shirts às riscas azuis e brancas. A musculosa “Coisinha” e o Happy Man, arraçado à Vénus de Milo, eram, como já sabemos, uma dupla apaixonadíssima, mas excessivamente bizarra. O assustador casal de anões tinha nitidamente a sua própria dinâmica de elevada carga sexual, tocando por vezes no tecto da violência. Enquanto que a relação gay, entre o Mohawk Billy e o colossal Shorty era de índole mais subtil. Quanto aos dois solitários,

o Fakir e o Papa Forest, segundo fui constatando, pareciam genuinamente versados para os lados da abstinência libidinosa, e não só, talvez resultante de um esotérico estatuto de gurus espirituais, ou algo dentro do género, que eu nunca pude apurar. Creiam que não faltavam mistérios a bordo.

Restavam-nos, obviamente, os perturbantes Ztyreo e a Lucretia, que, afinal, não só eram os proprietários do *L'Adieu En Rouge*, e simultaneamente da companhia, como também formavam mesmo um casal, portador de certidão de matrimónio e todo o restante folclore — desde alianças a fotografias cerimoniais. Apesar de eu nunca ter tido a coragem de lhes ter perguntado se já tinham tido a oportunidade de procriar, imaginava várias vezes a forma como, porventura, consumavam os seus actos de copulação.

A classe de Kama Sutra alternativo que estes dois espécimes não poderiam ter originado nas mãos de um editor visionário! Que obra prima teríamos no mercado literário das *oddities* hoje em dia... Ou ainda mais retorcido, que inacreditável registo porno erótico poderia estar hoje imortalizado numas desgastadas cassetes VHS ou Beta... Dois homens minúsculos presos num único corpo (logo com um único pénis) em embate amoroso com uma atlética mulherona, possuidora de dois corpos (e sim, duas vaginas). Que espantosas coreografias...

Estes condenáveis pensamentos à parte, confesso que sempre alimentei a curiosidade de vislumbrar os seus respectivos bilhetes de identidade. Como teriam, afinal, processado os serviços administrativos face a estes dois intrincados casos? De que forma teriam eles contornado a questão da poligamia, por exemplo? E seriam quantos indivíduos aos olhos do registo civil? Outro mistério bem peludo, certamente.

Tudo isto para frisar que o ambiente estava a ficar pesado para o meu lado. Sinceramente, eu apenas pressentia que alguns ciúmes poderiam estar na base dessa famigerada situação. Da parte de quem? Boa pergunta, ademais pertinente. A bem da verdade, artisticamente, a troupe não tinha qualquer razão de

queixa, pois eu vivia autenticamente a minha *persona*, emotivamente e tecnicamente. A constante e sólida reacção positiva do público a meu respeito, era a nítida prova disso.

Fui deixando passar essa desagradável situação, esperando que esse mau agouro fosse desaparecer tão naturalmente como chegara. Mas, realmente, espectáculo após espectáculo, no foro das relações diárias, fui sentindo uma resistência crescente, vinda da troupe em geral. Algo estava mal. Continuava era sem perceber o quê, nem o porquê.

Estaria eu completamente equivocado, e a origem do problema estaria relacionada com algum outro gene de inveja? Alimentava aversão de pensar dessa forma, uma vez que não tinha pretensões de superioridade em relação a ninguém. Muito menos nos domínios da arte, onde respeitava os gostos e tendências de cada qual. Portanto, preferi ignorar essa procissão de sinais e mergulhei religiosamente no meu trabalho. Poucos dias depois, notei que, de repente, tínhamos um ajudante novo na cozinha, um tanto ou quanto *neo-hippie*, sem qualquer objectivo de o pretender rotular numa categoria de *life style*. No seu sotaque meio hindu, o Exclusive Bonaparte sussurrou-me de relance:

— Cuidado, Never, aviso-te que este novato também é guitarrista... — Saindo logo de rompante de ao pé de mim, como se eu fosse portador da peste negra.

Por mim, apenas senti que, pronto, ia ser substituído. E daí? Venha o Hippie! Eu também não tinha feito o mesmo ao Fat Boy? A vida é mesmo assim. Fica quem fica e o resto é conversa. Não estava realmente preocupado com essa perspectiva.

Ainda para cúmulo, já estava a ficar cada vez mais saturado da troupe. Porque, convenhamos, uma coisa é a mística sensorial do espectáculo, outra é ter de aturar os membros desse espectáculo nas suas respectivas vidas reais. Não! Muito obrigado, por mim já chegava.

Desta feita, jurei intimamente que não iria ser substituído, mas simplesmente sair pelo meu próprio grado, elegantemente. Claro que avisaria antecipadamente. E que realizaria os

espectáculos que fossem necessários, até esse próximo músico estar devidamente pronto para me substituir. Era uma questão de ética profissional. Portanto, a partir do momento dessa decisão, fui preparando mentalmente um discurso de autodespedimento para apresentar ao Ztyreo, na segunda-feira seguinte. Discurso esse que, efectivamente, lhe apresentei com a máxima sinceridade nesse tal dia, logo pela manhã. Não tive a mínima oportunidade de apurar se “eles” ficaram alegres ou tristes com a novidade, de tão neutras se mostraram as duas cabeças a esse respeito. Enfim, pelo menos a restante troupe, aparentemente, não teve conhecimento da conversa, pois, mesmo durante o início do jantar, ninguém pareceu inteirado da minha decisão.

Na refeição dessa noite, quando, estranhamente, a Lucretia me chamou, pedindo que me sentasse ao seu lado, informou-me com uma voz triste que já sabia da notícia. Tentei explicar-lhe essa minha decisão em voz baixa, ao que ela interpelou:

— Não digas nada aqui, Never. Por favor. São todos uns rancorosos, incluindo os meus queridos maridos. Que acredita, vão fazer questão de espalhar a notícia da tua saída durante este mesmo jantar.

— Achas?

— Não acho. Tenho a certeza. Por isso, prepara-te para prováveis represálias. Principalmente de quem tu sabes...

— Referes-te ao Calígula Express e ao Roger Flon-Flon?

— Sim... E não só, caro amigo. Tens de facto muito talento, mas o de fazer inimigos é provavelmente o teu lado mais virtuoso.

— Não me digas, Lucretia. Sou assim tão ruim?

— Não. Eles é que são gente da pior espécie. E tu deverias ter percebido isso logo à partida. Agora é demasiado tarde.

— Eles não me metem medo, se queres saber. E não vou deixar que me intimidem, como têm feito ao Happy Man. Isso garantido-te.

— Ah... Pobre justiceiro, não sabes mesmo com quem te estás a meter. A tua sorte é que eu estou aqui ao teu lado.

— Agradeço-te imenso a atenção, Lucretia. E se é assim tão grave, talvez eu parta já amanhã depois do espectáculo. Que te parece?

Pensando calmamente nessa opção, a pensativa mulher acabou por responder:

— Acho que farias bem. Mas deixa-me pedir alguma sensatez da parte dos meus queridos cônjuges, pelo menos para garantir que tenhas uma estadia pacífica até lá.

— De acordo. Queres que eu regresse agora ao meu lugar no fundo da mesa?

— Nem pensar nisso, meu querido. Hoje jantas aqui mesmo ao nosso lado — disse ela, altivamente, manuseando talheres e copos com os seus quatro longos braços. Ao que acrescentou:

— E por questões de maior segurança, irás dormir hoje no nosso quarto. Ninguém ousará fazer-te mal neste barco, enquanto estiveres nos aposentos do todo poderoso Ztyreo, certo?

— Se tu o dizes, cara Lucretia. Acredito em ti e farei como dizes.

Ao fundo da mesa, o meu lugar habitual permaneceu vazio. Constatei que visto daquele ângulo, o quadro era realmente digno dos universos fantasmagóricos de Hieronymus Bosch e Pieter Bruegel — esses incontornáveis pintores tão aliados à tragédia humana.

Como poderia eu ficar indiferente a certas cenas, que nenhum dos nossos habituais espectadores teria, alguma vez, a oportunidade de ver em palco?

A maternal “Coisinha” a alimentar o seu amado Happy Man, com abundantes colheradas de *spaghetti*, dirigidas à sua boca manchada por uma cómica auréola apalhadada de ketchup. Os dois anões, literalmente a arrancarem os melhores nacos de carne dos pratos um do outro, por vezes até à chapada. A violência, a brutalidade, a insanidade, em quase todos eles, na forma de mastigar, nos olhares de gula, nas gargalhadas.

Sim, visto deste lado mais aristocrático da extremidade da longa mesa, ali se estendia um autêntico séquito que nos fazia

ONDE?

Fiquei abatido pela própria lei da injustiça, e pela minha completa falta de contactos nas esferas de influência. Dono de uma total penúria de recursos financeiros, a nível legal, para empreender uma acção judicial contra a seita dos Abattoir Lullaby, acabei por fazer, no fundo, aquilo que se esperava de alguém na minha débil situação: saí de cena.

Ainda, na minha ingenuidade, tentei localizar possíveis familiares ou amigos do Happy Man, mas demasiadas perguntas levaram às primeiras ameaças à minha integridade. Embora vivesse num antigo condomínio urbano, de rendas muito módicas, povoado por dezenas de seres solitários como eu, o certo é que de alguma forma eu já havia sido colocado sob vigília cerrada.

A partir de uma dada altura, quase todas as noites, entre as três e as quatro da manhã, alguém tentava abrir a fechadura da minha porta — tipo tortura do sono, pois sempre que eu decidia ficar de plantão, mesmo de luzes apagadas, nada acontecia. Mas, quando caía no sono, lá recomeçavam os sinistros ruídos metálicos de uma gazua.

Enervado, e ao mesmo tempo amedrontado, levantava-me com o meu revólver de 9mm em punho, pronto a disparar sobre o primeiro intruso que apanhasse agarrado à minha porta. Porém, graças aos rangidos do chão pútrido de madeira, eles fugiam bem antes de eu conseguir vê-los. E a julgar pelo som dos passos, era efectivamente sempre mais do que uma pessoa.

Por um lado, o facto de essa gente não desejar enfrentar-me desperto, também me deixava aliviado. Obviamente, quanto ao retomar o curso de um sono reparador, isso era absolutamente impossível. A partir de cada um desses momentos assustadores, eu já não conseguia pensar noutra coisa. Logo, um após o outro, esse autêntico desgaste psicológico em lume brando, estava a conseguir disseminar um esgotamento em mim.

Aqueles malditos já sabiam bem que eu vivia ali, e essa era certamente a forma de me darem o recado de que eu estava a ser controlado. Uma situação exasperante, pois se eles sabiam, afinal que poderia eu continuar a fazer nesta alegre cidade? Aparentemente a solução era fácil, pois, no dia em que parei definitivamente de fazer perguntas, as ameaçantes pseudo-visitas nocturnas ao meu domicílio cessaram.

Mesmo assim, restava ainda a ruminante questão da minha própria segurança. Porque, sejamos francos, eu era um alvo demasiado fácil de atingir. Senão em qualquer momento, poderia ser num dia qualquer e inesperado, em algum sítio tão vulgar como milhões de outros lugares. Então, perguntava-me intimamente, dezenas de vezes por dia: porquê ficar estupidamente por aqui à espera desse horrível veredicto?

O limitante sentimento de não conhecer outra vida, de estar permanentemente a tentar sobreviver economicamente pautado pelas mais basilares necessidades, aliado ao facto de Paris ser a minha terra natal e de alguma maneira teimar em ver nela o meu futuro, enquanto artista, não me deixavam muitas opções de escolha no idílico panorama de viagens turísticas.

Portanto, após contar os meus tostões de ponta a ponta, e revirar repetidamente os meus esconderijos com eventuais parcas economias ou bens vendáveis, lá acabei por chegar a um compromisso a curto prazo, antes de poder mudar de ares.

Nesse processo de conclusão, ainda pude encaixar alguma maquia adicional, ao transferir a minha opção de renda daquele minúsculo estúdio, para um casal de transexuais oriundos do Brasil. Exótico casal esse, que há já alguns meses operavam

com bastante sucesso nas frias noites do Bois de Boulogne, no sector das relações públicas intercontinentais. Lembro-me que eles ficaram tão deleitados com a minha cortesia que, para além da percentagem estipulada, ainda me presentearam com uma gorjeta de cem francos extra, acrescida de um serviço grátis de *ménage à trois* para celebrar a inauguração da sua nova habitação — amabilidade que eu declinei muito diplomaticamente, e que, segundo eles, valia largamente outros cem francos, livres de impostos.

Com esse providencial pé-de-meia no bolso, comecei a traçar um plano de continuidade, tendo em conta que, nestes percursos artísticos, por vezes é mais importante saber-se sair do palco do que propriamente entrar. Quer isto dizer, em traços largos, que me faltava ainda dar o recado a quem interessasse. Para tal, bastou-me retomar as minhas sondagens nas ruas “chiques” do Pigalle, onde eu sabia que a desgostosa e enlutada Coisinha andava a fazer uns extras.

Nessa mesma noite, o resultado não se fez esperar, mas desta vez eu tinha decidido arriscar tudo por tudo. Com o coração na boca, admito, mas também com a coragem suficiente para enfrentar o que desse e viesse. Depois da meia-noite, escondi-me dentro da gélida e apertada despensa que marcava o final do longo corredor de acesso às habitações. Precisamente, onde a *concierge* guardava as suas velhas batas, chinelos e artigos de limpeza — e o seu marido, as suas deslavadas revistas pornográficas dos anos 70, ali mesmo, muito mal-escondidas em velhas caixas de sapatos.

Munido de paciência, permaneci tranquilamente numa posição híper desconfortável, remoendo todos os possíveis desfechos do fatal encontro que estava prestes a ter. A minha própria respiração angustiada fazia-me companhia. Num dos bolsos do meu *perfecto*, estava o meu revólver a tresandar a óleo de máquina de costura, já com quatro balas aconchegadas no seu tambor — era tudo o que possuía no meu departamento de artilharia. Ali, esperei.

O edifício era tão horripilante por fora como por dentro, lúgubre, escuro e sujo de alto a baixo. Visto de um certo ângulo conceptual, era como se depois dos combates da 2ª Guerra Mundial, a inteira população daquele lugar se tivesse esquecido de restaurar aquela zona perdida.

No sector das infra-estruturas, o panorama não melhorava. A água saía dos canos ora duvidosamente acastanhada ou de um esbranquiçado que nos era impossível não fazer lembrar outras coisas. Mal se abria uma daquelas torneiras do tempo do Napoleão III, os canos ganiam como um suíno em plena matança. De tal forma que os mais supersticiosos juravam que existiam almas penadas, encurraladas naquelas grossas paredes. Essas torneiras eram gigantescas e, sim, poderiam ter sido belas nos seus tempos áureos... mas ali, naquele estado desolador, soldadas nas paredes por dois séculos de servidão, só serviam para causar tendinites aos mais fragilizados, e sustos de morte às pobres crianças daquele sinistro lugar.

Quanto aos autoclismos, eram também da mesma escola artística, embora de fabrico inglês, da nação que viu nascer Sir John Harington, o genial inventor dessas máquinas — com os seus clássicos depósitos em ferro forjado, suspensos a quase três metros de altura, suficientes para deslocar inadvertidamente uma cervical para quem os quisesse admirar em plena obra gastrointestinal. Simplesmente, porque todas as sanitas do fabuloso reduto residencial eram higienicamente da velha guarda, e, portanto, fantásticas para o reforço diário dos joelhos, mobilidade do iliopsoas e alongamento das lombares. Ou seja, 80 x 80cm de pura cerâmica antiderrapante, cravada no chão com um buraco no meio.

As descargas dos já citados autoclismos eram tão poderosas, que logo depois de se puxar o singelo punho em porcelana da corrente metálica, o melhor era fugir dali a sete pés — ou então optar por umas galochas para aqueles momentos íntimos. Num ronco tremendo que abalava as paredes, quase trinta litros de água calcária repleta de lamelas de ferrugem desabavam em

segundos, expulsando para as cloacas parisienses qualquer sujidade, beata, barata; e até o pobre utilizador do sanitário se não tivesse cautela.

Uma vez chegados à minha morada, desde o sopé da rua, esperavam-nos 56 degraus de uma única escadaria, íngreme e sem nenhum patamar para retomar o fôlego — talvez desenhadas por algum arquitecto com pretensões olímpicas. Os degraus ficavam sempre submergidos numa sombra maquiavélica e perigosa, fosse a subir, fosse a descer. Isto porque, na realidade, como iluminação ambiente, existia apenas uma única lâmpada suspensa naquele sórdido corredor com dez portas de um lado e dez do outro. Vinte decrépitos estúdios, cujas portas — noite e dia — partilhavam a anémica emanção dos filamentos de tungsténio de uma reles Mazda de 60 Watts, permanentemente rendilhada por pegajosas teias de aranha.

Ao contrário de mim, que vivia numa das últimas habitações, alguns sortudos dos meus vizinhos tinham as suas entradas na auréola desse prodigioso candeeiro do escárnio. Sim, podíamos agradecer ao senhorio por aquele casquilho de latão, aparafusado num cabo eléctrico, tão velho que ainda era forrado a tecido em *tweed*. Constava nos bastidores da nossa rua, que era na verdade uma senhoria. Uma Senhora da “alta”, proprietária de dezenas de apartamentos na metrópole, adquiridos em jovem com o suor do seu corpo. Depois dessas acrobacias em colchões de hotéis de 5 estrelas, tinha prosseguido uma carreira mais calma, fazendo-se passar por uma infeliz acordeonista invisual, numa das avenidas mais frequentadas por turistas. Tendo sido, provavelmente, o músico cego com menos talento para a música na história dos pedintes daquela gigantesca urbe. Pois, o seu repertório de quatro temas, com interpretações minimalistas, com os mesmos três acordes do início ao fim, impunham a sua sonoridade oito horas por dia — tal era a ganância da criatura. Também de acordo com os rumores, enquanto a senhora assassinava os geniais acordeonistas de Edith Piaf, o seu filho esbanjava a fortuna da mamã. Numa vida arrogante

